

ESCOLA INDÍGENA DA REGIÃO SUDOESTE DO PARANÁ: ESPAÇO DE MEMÓRIA E RESISTÊNCIA

Crislaine da Cruz
Sharlene Keila Schlindwein

INTRODUÇÃO: No último dia 24 de abril de 2026 foi reinaugurado o Colégio Estadual Indígena Nitótu, na Aldeia Alto Pinhal. Durante a cerimônia, foi realizado um memorial rememorando o surgimento da escola como forma de existir e resistir da comunidade indígena Kaingang local. No relato escrito, da professora de língua materna, foi destacado as dificuldades de criação da escola, para além das dificuldades enfrentadas pelos indígenas em preservar sua cultura e ancestralidade. A Aldeia Alto Pinhal é um território urbano localizado na cidade de Clevelândia. Além das crianças do território, a escola atende as crianças da comunidade não indígena, isso acarreta dificuldades em relação a contextualização dos saberes indígenas ensinado pelos professores. De acordo com a professora Miriam J. K. Maciel - “É difícil justificar para um aluno não indígena o estudo da língua Kaingang”. Entretanto, essa disciplina é fundamental para a preservação da identidade das crianças do território. Tendo isso em vista, o objetivo deste trabalho é compreender o Colégio Estadual Indígena Nitótu como espaço de preservação da memória e como instrumento de resistência do Povo Kaingang da Aldeia Alto Pinhal. Ademais, será feita a transcrição de entrevista de professores indígenas sobre a história da escola, possibilitando a passagem da tradição oral para a escrita desse episódio marcante para o território.

METODOLOGIA: Esse trabalho utilizará principalmente a História Oral como metodologia de pesquisa qualitativa. A Pesquisa oral vem como uma ferramenta que nos permite justamente pesquisar para além dos contextos chamados elitizados que conseguem ter sua história registrada de forma escrita. A cultura é um bem a que todos temos direito, os povos originários sempre tiveram maiores dificuldades para conseguir preservar a sua cultura, uma vez que a tradição oral é muito forte nesses povos. Preservar memórias se torna uma ferramenta importante dentro deste contexto, de acordo com Pollak, apesar da memória ter um cunho individual e íntimo, ela passou a ser entendida como um fenômeno coletivo com os estudos de M Halbwachs (Pollak, 1989), assim as memórias individuais que passam pela história da escola, acabam se tornando um coletivo cultural, e a preservação destas é um instrumento de resistência para a Aldeia Alto Pinhal. Para tanto, serão realizadas entrevistas com a professora Miriam J. K. Maciel e, se possível, com a professora de língua materna do Colégio Nitótu. Para Le Goff, a transição da oralidade para a escrita ocorre no estudo da memória histórica (Le Goff, 1924).

RESULTADOS E DISCUSSÃO: Além de reforçar a identidade étnica do povo da Aldeia Alto Pinhal, registrando uma etapa importante da História desse território: a construção e consolidação do Colégio Nitótu. Também, será possível destacar personalidades locais da

Aldeia como protagonista de sua própria história, tanto como indivíduos, quanto como do Povo Kaingang. Esse reconhecimento é fundamental para que as demais memórias ou as memórias futuras possam ser registradas pelos indígenas do Alto Pinhal e estudadas no futuro do Colégio Estadual Indígena Nitótu.

Palavras-chave: Colégio Estadual Indígena Nitótu, Aldeia Alto Pinhal, Registro Histórico

REFERÊNCIAS:

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Tradução de Bernardo Leitão *et al.* Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3–15, 1989.

AGRADECIMENTOS: Ao Ms. Carlos F. Branco, pelo convite para participação da reinauguração da Escola; À Mirian J. K. Maciel, pela conversa inicial e pelas conversas posteriores; Ao NEABI Kreiê Banguerê pelo suporte financeiro.